

No estuário da saudade

J.C. Alencar Araripe

Sucessão acadêmica

A sessão, propriamente, não começara ainda. Corriam os momentos finais do chá das cinco na Academia Cearense de Letras. De mansinho, como sempre, aproxima-se Ribeiro Ramos. Depois dos cordiais cumprimentos, passa a distribuir, a um e outros, o envelope que endereçava aos colegas.

Sem demora, abro o que me fizera chegar às mãos. Em letrinha apurada, formula um pedido. A saúde não lhe sorria promissora e poderia baquear de vez quando menos se esperasse. O que desejava o caro amigo, a bondade em pessoa?

Quando fechasse os olhos, sua aspiração era que à cadeira acadêmica, ocupada por ele por muitos anos, fosse levado o filho Francisco Manfredo Tomás Ramos, sacerdote de ilustração, autor de livros de merecimento.

Confesso que me emocionei diante da carta de Ribeiro Ramos. Não era o homem amargurado em face da iminência do desenlace. Era o pai que velava pelo filho e queria, assegurar-lhe um lugar no grêmio acadêmico, não obstante suas luzes serem tão fugazes. Dom Aquino Corrêa, em discurso famoso ao ingressar na Academia Brasileira de Letras, indagava: que imortalidade era essa que lhe outorgavam e que decorria da morte de quem o precedera?

Monsenhor Manfredo não conseguiu escusar-se ao atendimento do apelo paterno. Em carta aos acadêmicos, acompanhada de **curriculum vitae**, comunica que se inscreveu como candidato e espera o **placet** de cada um. É o formalismo acadêmico a que não se furta e não faz mal a ninguém.

Louve-se o procedimento porque nos coloca em dia com as dimensões culturais e científicas de privilegiada personalidade. Monsenhor Manfredo tem mestrado e doutorado em Filosofia e Teologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, trata-se de um conhecedor profundo da doutrina ético-política de São Agostinho, é escritor com referência internacional e participação em eventos científicos.

Na Academia, ficará na posse da Cadeira nº 13, que tem como patrono o insigne metropolitano sobralense Dom Jerônimo Tomé de Sabóia e Silva,

ordenado em Roma e que foi Arcebispo Primaz de Salvador. Sucederá ao pai venerando, cujo antecessor, cônego Misael Gomes da Silva, desfrutava fama como orador sacro. A cingir-lhe a fronte, a grinalda da mãe Dinorá, que às letras também se ligou e soube preservar em livro a poesia redourante do padre Antônio Tomaz. (22-08-2000- Diário do Nordeste)

Padre Antônio Vieira, o cearense

A pessoa do Padre Antônio Vieira está ligada, indissolavelmente, à figura do jumento. O seu brado em defesa desse animal teve ressonância inusitada, a princípio, no Ceará e no Nordeste, depois, com o livro **O Jumento, Nosso Irmão**, alcançou abrangência internacional.

Tudo começou em 1954. Reportagem de Edmundo de Castro, no **O Povo**, denunciava a dizimação de jumentos em Fortaleza, Recife e Aracaju para a fabricação de vacina anti-rábica. O Padre Antônio Vieira, na época, vigário de Icó, indignou-se com o fato e escreveu nove artigos a respeito, enviando-os para mim, então Diretor-Editor do jornal de Demócrito e Sarasate. Fora seu colega no Seminário do Crato e cumpríramos em Várzea Alegre programa de conferências e difusão cultural.

Os escritos do reverendo sertanejo alcançaram simpática acolhida. Não só pelo relacionamento que tivéramos, sobretudo, pela originalidade da matéria e pela forma estilística como a abordava. Os artigos foram divulgados e um convite lhe dirigi: que ele se tornasse colaborador permanente. O desafio aceito, a partida fora dada. O jumento constituiu o “abre-te-sésamo” da cornucópia da fertilidade jornalística do Padre Antônio Vieira.

O sucesso bafejou-lhe de tal forma que as portas da política se abriram para ele. Conquistou cadeira de deputado federal, com bonita votação na capital e no interior. Faltou-lhe sorte para escapar ao ciclo das cassações depois de 64. A sua índole impulsiva não se conciliava com os aspectos restritivos do regime.

Em 1963, enfeixa em livro, editado pela Imprensa Universitária, uma centena de crônicas escolhidas entre as muitas que publicara, e convida-me para prefaciá-lo. Com estilo leve, agradável e insinuante, Padre Antônio Vieira deleita-nos. Ora, é o retratista da paisagem sertaneja, recompondo com fidelidade quadros cujas imagens já se diluíam na nossa retentiva; outras vezes, é o cantor, apaixonado e apaixonante das belezas da natureza, em algumas de

suas variadas e ricas manifestações. Aqui, revela-se o terno observador das trivialidades do cotidiano; ali, o analista penetrante da realidade contemporânea; mais adiante, o desabusado e contundente chicoteador das mazelas e hipocrisias da sociedade.

O Jumento, Nosso Irmão veio a lume em 1964, no Rio de Janeiro. Com este livro, Padre Antônio Vieira criou o Ciclo Literário do Jumento, porque, antes dele, inexistia qualquer literatura, folclore, interesse literário, artístico ou recreativo sobre o desprezado e amesquinhado animal. A partir de então, criaram-se diferentes motivações: músicas populares, seriados de TV, festivais folclóricos, corridas e apostas de jumento, literatura de cordel, o mais rico e variado artesanato e monumentos em praça pública. A cruzada em favor do jumento fechou muitos frigoríficos.

Quando **O Jumento, Nosso Irmão** debutou em 1964, com 308 páginas, a BBC de Londres, em comentário sobre os destaques literários no mundo, projetou-o como o mais completo trabalho escrito em alguma língua sobre “donkey”.

O Jumento, Nosso Irmão alcançou a 3ª edição. Desta vez, porém em quatro volumes, totalizando mais de mil páginas. Tornou-se um livro enciclopédico.

O lançamento da 1ª edição em Fortaleza ocorreu de maneira originalíssima. O Padre Vieira chegou à Praça do Ferreira, onde se verificou a festa, montado num jumento, acompanhado do livreiro Luis Maia, que também cavalgava um jegue com dois caçuás cheios de livros. Um acontecimento sem igual.

Chamam-no de o padre do jumento. E ele não descartava a denominação, muito menos depois que o seu livro ganhou edição em inglês, nos Estados Unidos, evento que o deixou jubiloso. Mas Antônio Batista Vieira foi intelectual de pujança e brilho. Seus livros constituem uma variada policromia, seja pelos assuntos abordados, seja pelo estilo, seja ainda pelo método. Peregrinou por todas as formas estilísticas, menos a poesia e dramaturgia. Há livros de uma perfectibilidade estilística que imita os melhores escritores clássicos da Língua. Como prestigiou o linguajar popular na forma expressional, enriqueceu o idioma com muitos verbetes, já registrados no **Dicionário de Termos e Expressões Populares**, de Tomé Cabral, e no **Novo Dicionário**, de Aurélio Buarque de Holanda. No que tange à temática, encontramos amplo leque: literatura, teologia, história, sociologia, antropologia, filosofia, crítica literária, matemática, etimologia, direito, política, evolucionismo, biotipologia e genética.

Antes de atingir culminâncias no teatro das letras, Padre Antônio Vieira foi vigário de notável atuação no apostolado da Igreja Católica nas zonas urbana e rural. Icó e Iguatu conheceram seu pastoreio e os frutos dele decorrentes no plano religioso, educacional e social. A obra que realizou teve entonos revolucionários.

Agora, quando a morte nos privou do convívio com Padre Antônio Vieira, impõe-se, mesmo de passagem, rememorar, até como preito de justiça, algumas facetas da personalidade de escol do sacerdote criativo, determinado e corajoso e do escritor que se impôs pela inteligência e vastidão dos conhecimentos. Foi um homem do seu tempo.

Na fortaleza da família

Pela quarta vez, realiza-se a festa de confraternização do clã Gualterina Lacerda-Cícero de Alencar Araripe, o mais numeroso da progênie do major Otaviano Cícero de Alencar Araripe, major da Guarda Nacional do Império, escrivão, promotor e advogado, rábula dos melhores do interior cearense.

Como estou falando para uma assistência em que predominam os jovens, não seria despidendo aclarar o significado do termo rábula, que soa mal e era usado para identificar pessoa que praticava advogacia mas não tinha formação acadêmica. Na evolução dos países, trata-se de figura encontradíssima em diferentes profissões, com outro designativo, é claro.

Com a palavra em ocasião como esta, sinto-me atraído pelos encantos e sugestões da genealogia. No nosso caso, então, com razões sobejas, não só pelas fulgurações que ornamentam nosso brasão, sobretudo, pelas expressões de nobreza, caráter e bondade. Não somos exceção, felizmente. Participamos de um concerto nacional.

Uma heroína - Bárbara Pereira de Alencar - é a matriz da família. Um de seus filhos - Tristão Gonçalves - personalidade política de incontrastável beleza pelo seu idealismo e bravura, no auge das lutas pela independência, não se contentou apenas em armar-se cavaleiro da causa patriótica, traduziu a sua adesão ao movimento emancipador acrescentando ao seu nome o acidente geográfico mais significativo da região sul: a chapada do Araripe. Nascia, entre os Alencares, o agrupamento familiar Araripe. Esclareça-se, pois, que, se nem todo Alencar é Araripe, todo Araripe é Alencar. Nomeiam-se Araripe os que

descendem, em linha direta de Tristão, cujo procedimento esteve em consonância com a mentalidade da época, dominada de aceso regionalismo.

Historiadores registram que, vencida a revolução de 1824, é dissolvido o grande exército do Ceará, comandado por Pereira Filgueiras e que ia juntar-se aos insurgentes de Pernambuco. Estavam com o padre José Martiniano de Alencar vários familiares, entre eles, Pedro Jaime, seu sobrinho, com 14 ou 15 anos. Esse jovem revolucionário, nascido no Crato, filho de Tristão, é o avô paterno de Cícero, e meu também, foi professor de primeiras letras, escrivão de troco de moeda, juiz de paz e vereador. Entre os seus filhos, 14 no total, três tiveram nomeada: Antônio Jaime e Pedro Jaime, filho, ambos deputados provinciais, e Otaviano Cícero de Alencar Araripe, pai do Cícero, e meu também, e que enunciei no princípio desta fala, protagonista em três casamentos: os filhos do primeiro, com Matilde de Araripe Sucupira, morreram ainda criança e não há memória deles. Do segundo matrimônio, com Rita Cavalcanti Araripe, nasceram os seguintes filhos, na sua maioria, conhecidos desta assembléia: Tristão, Artur, Ovídio, Cícero, Antônio, Amélia, Geórgia, Maria, Alice e Socorro, falecidos. Do terceiro, com Joana Caminha Gondim Araripe, apenas um: José. O que sobrevive agradece a Deus pelo dom da vida, que é o maior de todos, e reverencia com saudade a memória dos que partiram para a casa do Pai.

A união de Cícero, 24 anos, com Gualterina, 21 anos, consolidou-se em ato celebrado a 3 de novembro de 1917. Tiveram os dois um casamento de 39 anos com 11 filhos, quatro dos quais morreram: dois com os pais ainda vivos- Zuleica e Maria do Céu, dois após o falecimento dos pais: Luiz Gualter e Jairo. Temos a graça de conviver com Valquiria, Ossian, Zuleica, Jacira, Ielda, Neidja e Fátima. Com 37 netos, 80 bisnetos, 6 tetranetos e afins, são ao todo 192 figurantes.

Conheci Cícero e Gualterina, carinhosamente apelidada de Tezinha, quando meus pais foram residir no Crato. Cícero colocara em funcionamento na cidade dois cinemas, um deles, no Cassino Sulamericano, na praça Siqueira Campos. Foi nele onde assisti pela primeira vez à exibição de uma filme cinematográfico, mudo, é verdade, mas era o que existia na época. Quantas emoções diante da tela! Chorei durante boa parte do filme, a história de um velhinho que se envolvera num drama terrível: continuava vivo, mas fora dado como morto em virtude de troca proposital de documentos pessoais. Eu só pensava no meu velho e querido pai.

Dessa fase no Crato, a lembrança mais antiga é do regalo que recebia de Cícero, à semelhança do que ocorria com os filhos, em cada viagem que

emprendia à capital. Da perspectiva de hoje, vejo na singeleza do gesto a antecipação do irmão amigo que me daria a mão com a esposa amantíssima ao chegar à cidade grande na orfandade paterna da minha juventude. Muita razão teve Alceu Amoroso Lima com esta sentença: “O passado é o presente, em nós, do que se passou, mas não passou, ficando incorporado a nós como uma realidade viva e inextinguível”.

Cícero e Tezinha completavam-se em termos de generosidade. Não foi um casal de grandes posses. Houve até períodos de dificuldades, vencidos com determinação e firmeza. Mesmo em circunstâncias adversas, prole numerosa a cuidar e educar, a sua casa estava aberta a quem chegasse, carente de pousada e de mesada, e o tratamento dispensado não comportava discriminações. É a renovação do testemunho de um beneficiário de sua conduta bondosa e afetiva.

Nestes tempos de dissolução dos costumes abastardamento moral, frouxidão de caráter, violência que até parece guerra civil, apelemos para a fortaleza da família, como aqui fazemos, estreitemos os vínculos nascidos do sangue, do amor, da amizade fraterna. Tristão de Alencar Araripe, filho de Tristão Gonçalves e um dos luzeiros da estirpe, com passagem brilhante nos três poderes, ensinara: “Nada excita tanto o esforço do homem para o bem como a recordação das nobres ações dos seus maiores. Suprima-se o exemplo do passado, e teremos a humanidade no berço da infância, sempre nos jogos pueris, falta do poderosíssimo auxílio da experiência. Vendo quanto obraram os nossos antecessores, conheceremos a quanto estamos obrigados”.

Permitam-me que recorra ao insuperável Roberto Carlos para dizer-lhes “que vivo este momento lindo, olhando para vocês e a mesma emoção sentindo...”.

(Palavras proferidas pelo jornalista J.C. Alencar Araripe na festa de confraternização da Família Alencar Araripe, no dia 03 de janeiro de 2004, no Fiesta’S Buffet.)